

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 22 de março de 2017**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Cia. Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 244-252.*

- *Non son sincera*
- *The things that I see*

*Glória*

*Veni Sancte Spiritus*

**Carrón:** “Não sou sincera”: muitas vezes estamos fechados no nosso mal e quando reconhecemos isso, nasce o pedido: “Faz que eu encontre [...] quem é sincero, quem é real / alguém que eu possa pelo menos seguir” (A. Mascagni), ou seja, alguém que me desperte, que me abra, que me coloque de novo em movimento no caminho da vida. O Senhor responde a esse pedido, e a vida muda: “As coisas que eu vejo / me fazem rir como um bebê [...] me fazem chorar como um homem. / As coisas que eu vejo / me fazem olhar o que Ele me deu! / E Ele me mostrará / ainda mais do que eu agora vejo” (R. Veras-R. Maniscalco), alargando o meu horizonte, despertando todo o meu senso religioso. Por isso, continuemos o nosso caminho para entender cada vez mais qual é a tarefa da Igreja no mundo em relação ao homem terreno.

**Colocação:** *Gostaria de fazer uma pergunta: não é muito pouco dizer que a função da Igreja é educar ao senso religioso? Uma das minhas filhas, quando era criança, tinha pouca curiosidade, não demonstrava muita expectativa. Lembro-me que disse a minha mulher: “Ela não espera nada, mais, parece não ter senso religioso”. E minha mulher respondeu: “Bobo! Nossa filha também o tem, é preciso apenas ajudá-la, educá-la”. Desejei que minha filha pudesse viver plenamente uma grande espera. Depois, com o passar do tempo, essa espera manifestou-se nela como inquietude, como uma espera irrequieta. Então, meu desejo mudou: não queria mais que ela simplesmente vivesse o senso religioso, mas que descobrisse o valor da Igreja que eu descobri, que “saboreei” no Movimento, algo mais do que o senso religioso, a percepção da presença do Destino dentro de uma companhia humana – que fosse livre para acolher ou rejeitar, mas que pelo menos percebesse –. Desejei que se desse conta de que a vida não é uma busca indefinida, mas que em um ponto específico, em uma realidade feita de homens, há uma densidade de vida que é a que nós buscamos. A pergunta, então, é: não é muito pouco dizer que a função da Igreja é educar ao senso religioso? Esta afirmação, embora verdadeira, muito verdadeira, não é, de qualquer forma, menos do que dizer que a função da Igreja é educar à fé, ou seja, ao reconhecimento de Cristo presente misteriosamente entre nós?*

**Carrón:** E o que você acha que pode facilitar o reconhecimento de Cristo presente entre nós? Se o objetivo é reconhecer Cristo, o que pode facilitar esse reconhecimento?

**Colocação:** *Seguramente a espera plena por Cristo.*

**Carrón:** Porque você pode interceptá-Lo exatamente por causa dessa espera plena!

**Colocação:** *Sim, mas entendida como educação: educar à espera, educar à resposta.*

**Carrón:** Esta é a questão. Parece-me uma pergunta muito pertinente aos tempos em que vivemos. Vem-me em mente algo que Dom Giussani disse em uma palestra em Chieti, muitos anos atrás, em 1986, que nos ajuda a entender sua insistência sobre a educação ao senso religioso: “Nós, cristãos, no clima moderno, fomos separados não das fórmulas cristãs, diretamente, não dos ritos cristãos [...], não das leis do decálogo cristão [...]. Fomos separados do fundamento humano, do senso religioso”. Quando começou a dar aulas no Liceu Berchet, Dom Giussani percebeu que todos os seus alunos sabiam as fórmulas cristãs. De fato, na Milão de 1954 não havia jovem que não tivesse frequentado o catecismo, aprendido as fórmulas cristãs e recebido os sacramentos. Mas, a um certo ponto, tudo isso começou a não ser mais suficiente para que a fé continuasse sendo interessante para

eles. No início dos anos Sessenta, o Cardeal Montini – como lemos no livro de Marta Busani – perguntou a Dom Giussani o motivo da sua insistência sobre a experiência. E ele respondeu que a convivência com os jovens tornou evidente que “normalmente as ‘palavras’ cristãs” não representavam para a consciência dos jovens “nenhum chamado concreto”. Aí está a questão! Os estudantes achavam “a doutrina cristã abstrata e sem significado para suas vidas”. E isto não colocava a liberdade deles em movimento para poderem reconhecer, para poderem aderir à doutrina. Para Dom Giussani, a experiência era necessária para que pudessem entender e viver as ideias que exprimem a realidade cristã. Somente a experiência pessoal tornaria possível uma descoberta mais profunda do ensinamento da Igreja. Giussani identificou bem – como vocês podem ver – o que nos preocupa, muitas vezes, em relação aos filhos, aos amigos, aos colegas ou às pessoas que encontramos ao longo do caminho. De fato, em *Vivendo nella carne*, afirma que “o motivo pelo qual as pessoas não acreditam mais ou acreditam sem acreditar (a crença é reduzida a uma participação formal, ritualista, a gestos, ou a um moralismo) é porque não vivem a própria humanidade, não estão empenhadas com a própria humanidade, com a própria sensibilidade, com a própria consciência e, portanto, com a própria humanidade”. Então este não é um aspecto acessório, porque é decisivo colocar em movimento toda a humanidade para que realmente se possa participar do acontecimento da fé que permite reconhecer Cristo. Por isso, Jesus diz constantemente que veio para os doentes e não para os sãos, para aqueles que têm uma ferida, uma resposta que mostra que a fé é pertinente às exigências da vida. Neste capítulo de *Por que a Igreja* o tema não é a salvação do homem, ou seja, Cristo. Aqui, o tema é como se vê que Cristo é útil para o caminho do homem no seu relacionamento com as coisas: porque começa a despertar toda a própria humanidade, a despertar o próprio humano. E como isto se chama? Testemunho cristão. Como aconteceu com você, como aconteceu conosco, e como poderá acontecer com sua filha. É claro que não precisamos reduzir a proposta ao senso religioso. Jesus não colocou entre parênteses a Sua presença total, com todos os seus fatores humano-divinos, podemos dizer assim; colocou-se inteiro, e foi esse testemunho que fascinou quem O encontrava: “Nunca vimos coisa semelhante!” (Mc 2,12). Para poder envolver toda a humanidade de quem encontrava, para despertar o homem para que pudesse aderir, não bastava o senso religioso, era preciso a presença total da fé. Qual é o nexa entre a fé e o senso religioso? Despertar o senso religioso é exatamente a verificação da totalidade da fé. Depois, aderir ou não aderir é uma decisão livre. Mas a tarefa da Igreja é esta, para que também sua filha possa descobri-lo.

**Colocação:** *No aniversário de trinta e nove anos do sequestro de Aldo Moro (no dia 16 de março de 1978), por acaso descobri que quando era um jovem professor nos anos Quarenta, escreveu: “Provavelmente, apesar de tudo, a evolução histórica determinada por nós não satisfará as nossas ideais exigências: a esplêndida promessa, que parece contida na intrínseca força e beleza desses ideais, não será mantida. Isso quer dizer que os homens sempre deverão estar diante do Direito e do Estado em uma posição de agudo pessimismo. E sua dor não será nunca plenamente confortada. Essa insatisfação e essa dor são a mesma insatisfação do homem diante da própria vida, frequentemente mais estreita e mesquinha do que sua ideal beleza pareceria legitimamente levar a esperar. A dor do homem que continuamente acha todas as coisas menores do que gostaria, cuja vida é tão diferente do ideal almejado no sonho. É uma dor que não se aplaca, pode apenas ser um pouco aliviada quando é confessada a almas que sabemos que a entende ou cantada na arte, ou quando a força da fé ou a beleza da natureza dissolvem a ansiedade e devolvem a paz. Talvez o destino do homem não seja compreender plenamente a justiça, mas ter perpetuamente sede e fome dela. Mas é sempre um grande destino” (A. Moro, Lo Stato. Curso de lições de filosofia do direito, CEDAM, Pádua 1943, pp 7-8). Esse é um testemunho muito atual do desafio que temos diante de nós: viver à altura de um desejo que nenhuma circunstância pode reduzir, sobretudo para quem, como nós, fez experiência de um encontro em que pôde verificar que a espera do coração foi abraçada, não foi resolvida, mas lançada na realidade onde Alguém comprometeu-se para se fazer encontrar por aqueles que não param de buscá-Lo: a Samaritana, o filho pródigo, hoje, somos nós.*

*Há cerca de um ano, eu e um colega acompanhamos pela internet a sua Escola de Comunidade. Ele ainda se diz ateu, mas seu coração não parou de questionar. Tudo aconteceu de maneira simples. Há cerca de um ano, ele me telefonou depois de muitos anos sem nos falarmos, e me disse que tinha começado a ir à missa. Fiquei surpreso. Quando trabalhava comigo, vindo de uma tradição marxista e de empenho social, sempre tinha muitas perguntas, me questionava sempre sobre muitas questões, sobre a Igreja, sobre as coisas do trabalho. Tinha uma postura leal, quer dizer, percebia-se que estava em busca de uma unidade ou de um ponto de encontro. Quando me disse que tinha começado a ir à missa, perguntei-lhe por quê, e ele me respondeu: “Para entender”. A coisa mais imediata que pensei em propor-lhe foi a Escola de Comunidade via internet. Assim, há um ano, uma vez por mês, comemos uma pizza, falamos da vida, depois participamos juntos da Escola de Comunidade. Vendo-o – não é mais um juvenzinho – escutar você tão séria e tenazmente, redescubro que sou feito de uma espera que nunca é uma pergunta, esta fome e esta sede são a arma para descobri-Lo presente naquilo que acontece, naqueles que encontramos. Antes da Escola de Comunidade, enquanto jantamos juntos, nossas conversas são sempre um pouco incômodas, os problemas são sempre maiores do que as nossas forças, mas, depois que a Escola termina, enquanto voltamos para casa, os problemas permanecem os mesmos, continuam ali, mas o que lidera é uma paz, e meu amigo sempre me diz: “Aqueles jovens que falam e que são tão sérios com o que vivem e com as pessoas que encontram, fazem-me ver de modo diferente e com mais esperança as coisas que eu vivo”. Ele continua indo à missa para entender, mas diz que aqui, na experiência da Escola de Comunidade, percebe que o que escuta tem a ver com a sua vida. Assim, esse gesto tornou-se um encontro que é cada vez mais esperado, e a sua posição também me despertou”.*

**Carrón:** É isso o que desperta constantemente a esperança: participar de um lugar onde a vida se acende. E nós sabemos, como sempre vemos no Evangelho, que o que acontecia com aqueles que encontravam Jesus era o despertar de sua esperança – “Nunca vimos coisa semelhante!” –. Assim como me conta um universitário que está no exterior pelo programa Erasmus: no relacionamento que tem com um colega, este sempre o enche de perguntas com uma simplicidade belíssima. “Na semana passada, enquanto tomávamos uma cerveja, ele me disse: ‘Sabe, desde que começamos a ter essas conversas é como se percebesse uma agitação dentro de mim que não sabia que tinha’ [descobriu a si mesmo]. Falamos sobre coisas profundas, no entanto, basilares, fundamentais. Fiquei muito tocado porque vi que eu – dentro da minha incapacidade, e não por algum mérito, que não tenho – sou instrumento para suscitar a verdadeira natureza do outro, para fazer surgir nele certas perguntas e uma estatura autêntica diante da vida. É realmente verdade que quando encontramos alguém é possível mudar, é possível ser mais si mesmo e também descobrir-se instrumento daquilo que encheu a própria vida de alegria”. Ou seja, através desse nosso amigo que está no exterior, aquele jovem que acabou de conhecer começa a participar daquilo que Cristo veio trazer, começa a sentir uma “agitação dentro”, um ‘a mais’ de humanidade. Mas é preciso entender bem a natureza desse fenômeno, porque descreve a própria natureza da Igreja. Um de vocês me pergunta: “Nas últimas semanas propomos aos amigos conversarmos sobre como a Igreja nos introduz no Mistério e como a nossa consciência se deixa acompanhar através daquilo que acontece, e começou uma discussão sobre o que é a Igreja. Por isso, gostaria de perguntar se podemos aprofundar o que é realmente a Igreja, em que podemos descobrir que a Igreja cumpre a sua tarefa. Porque, às vezes, identificamos a Igreja com a companhia, e em algumas coisas concordo com os raciocínios, em outras, não concordo absolutamente”. É como se ficássemos sempre perguntando: no relacionamento que vivemos, na modalidade de viver a vida da Igreja, já é claro o que é realmente a Igreja? A contribuição que este capítulo dá é fundamental, antes de mais nada porque podemos entender o que é a Igreja vendo a modalidade com que se coloca. Podemos vivê-la autenticamente ou podemos pedir à Igreja que nos dê soluções prontas, mas este segundo modo de entendê-la gera consequências negativas. Primeiro: se a Igreja – diz Giussani – fizesse assim, deixaria “sua originária postura educativa” e – segundo – tiraria o valor do tempo e esvaziaria a história. Por isso, Giussani coloca como exemplo de um modo ambíguo de se fazer companhia ou

de se entender a Igreja, a história do homem que pede a Jesus que seja Juiz numa contenda entre ele e seu irmão sobre uma questão de herança. Giussani escreve que esta é uma tentação que está sempre à espreita, porque no tempo de Jesus sempre havia mestres a quem se podia dirigir “para resolver litígios e controvérsias. De tanto que é instintivo [sublinha] no homem pensar ter encontrado a fonte da solução dos seus problemas! Jesus [atenção!] logo afasta este equívoco”. Pode haver um equívoco no que pedimos à Igreja, como poderia haver um equívoco no que alguém pedia a Jesus. Por isso, Dom Giussani diz que o “interlocutor deve ter ficado desconcertado” diante dessa postura, porque a pessoa esperaria de Jesus um envolvimento a ponto de resolver o seu problema. No entanto, Jesus não sucumbe à ilusão de pensar que, fazendo assim, ajudaria. Ele não sucumbe à ilusão, diz Giussani, daqueles pais que acham que resolvem os problemas dos filhos substituindo-se a eles. Esta não é a tarefa da Igreja, de fato “seria também para a Igreja uma ilusão, uma vez que desse modo abandonaria a sua tarefa educativa. [...]. Além disso, por um lado, seria aviltar [esvaziar] a história essencial própria do fenômeno cristão, por outro, seria empobrecer o caminho do homem” (p. 241). Imaginem pais que fizessem a tarefa no lugar dos filhos: seria um amor verdadeiro para com seus filhos ou este substituir-se a eles os tornaria cada vez menos capazes de enfrentar os desafios? Esvaziaria de significado o tempo e empobreceria o caminho dos filhos. Há um modo de conceber o nosso estar juntos e a tarefa da Igreja em relação às nossas dificuldades, ao qual Jesus se rebela. Ele, de fato, não aceita o papel que querem lhe atribuir. Analogamente, também a Igreja não pode aceitá-lo, e nem a nossa companhia pode fazê-lo, porque abandonaria – a Igreja e a nossa companhia dentro da Igreja – sua tarefa educativa. Por isso, não podemos terminar o trabalho sobre este capítulo sem nos perguntarmos: nós, do Movimento, o que pedimos? Muitas vezes pedimos soluções. E se não as recebemos, pensamos que o Movimento falta à sua tarefa educativa, por exemplo, quando pedimos que nos diga em quem ou como votar. Pelo contrário, a tarefa do Movimento é a de nos colocar em caminho, sem esvaziar a nossa humanidade. Isso não é intimismo, esta não é uma escolha religiosa! Este é simplesmente o método usado por Jesus no confronto dos dois irmãos: “Se se colocarem na posição adequada, vocês mesmos podem encontrar a resposta”. E o que Jesus faz para não sucumbir ao pedido deles? Desafia sua liberdade e sua razão: “Se vocês ficarem apegados ao dinheiro, nem se eu lhes desse a solução, poderiam aceitá-la”. E Giussani acrescenta: esta não é uma “fórmula mágica [observem a expressão que ele usa] para evitar mecanicamente” os erros, “mas é o fundamento para que a solução seja mais facilmente humana”. Qual é o sinal de que é humana? “A liberdade é o sintoma essencial de uma solução humana”. Jesus confia no fato de que, se o homem não quer se colocar na postura certa, mesmo que lhe ofereça a solução, não será capaz de aceitá-la. Assim, o homem, sendo despertado para essa postura correta, poderá encontrar – diz Giussani – o caminho. Porque só então, estimulado pela Igreja a viver segundo uma postura verdadeiramente religiosa, quando aceitamos isto, “não demoramos a experimentar uma energia e uma altivez [atenção!] no trabalho com uma intensidade toda especial” (p. 246). O sinal é se nós estamos cada vez mais envolvidos, se estamos cada vez mais implicados com o real, se temos vontade de colocar a mão na massa, sem pretender que um outro nos dê a solução. É isso que poderá realmente fazer a pessoa crescer, fazê-la participar da plenitude que Cristo quer comunicar ao homem na história. E isto, ao invés de esvaziar o caminho, faz experimentar uma tal energia que permite entrar nas pregas da história, na concretude dos problemas. Quando era jovem, não queria apenas repetir o que o professor de matemática dizia, queria aprender! Assim como, hoje, quero aprender o que Giussani diz, quero que se torne meu! E isso não pode acontecer à minha pessoa, sem que a minha liberdade seja envolvida constantemente. Se isso não é continuamente despertado em nós, se não somos constantemente chamados através do que acontece na vida, nunca se tornará nosso. Como quando vejo outra pessoa viver intensamente o real; se isso não se torna meu, não poderei perceber a pertinência da fé às exigências da vida. E só posso verificar isso se me envolvo plenamente. Uma pessoa me escreve: “Como percebo que a Igreja realiza a sua tarefa comigo?”. Se eu vejo, na realidade, que a minha pessoa cresce, que me envolvo cada vez mais, que sou capaz de colocar a mão na massa, que desejo descobrir a solução. Porque esta é a minha tarefa. “Esta parte da Escola de Comunidade me fez refletir muito – escreve

uma pessoa que não pôde vir – sobre a nossa história e sobre a ambiguidade na qual estamos mergulhados e sobre a qual você nos chamou a atenção nos Exercícios de três anos atrás. “Em uma história na qual Deus se encarnou, como prova do Seu amor pelos homens, estarmos empenhados nos problemas que o tempo nos coloca é a primeira forma de caridade” (p. 247). Esta afirmação me encontrou depois de muitos anos de envolvimento entusiasmado, meu e de muitos outros amigos, mas dou-me conta de que se este empenho não consiste, em primeiro lugar, em colocar a nós mesmos, as coisas e as circunstâncias que criam o problema em nexos com o fundamento da vida, nos confundimos [colocar as coisas e as circunstâncias em nexos com o fundamento da vida: esta é a autêntica religiosidade] e pensamos que a solução esteja na própria generosidade. Quanta obstinação é necessária nesse tipo de solução! E tudo de boa fé, mas o chamado foi ouvido pela metade [por isso precisamos estar atentos para ver se a modalidade com que vivemos o nosso estar juntos chega até aí, porque os outros não podem fazer isso no meu lugar]. Percebi que somente quando se tem a consciência da dependência total do Mistério pode surgir uma gratuidade na ação. Também dentro dos conflitos é sempre essa consciência que faz recuperar continuamente uma hipótese positiva no enfrentamento das dificuldades. Isto foi para mim uma verdadeira correção na experiência, uma possibilidade de levar em conta todos os fatores e, portanto, responder melhor”. Se nós estamos atentos, temos a possibilidade de ser corrigidos na nossa experiência. Como sabemos se alguém é verdadeiramente religioso – tudo o que nos dizemos, de fato, é para nos educar à verdadeira religiosidade –? Como Giussani sempre nos disse, sabemos que alguém é verdadeiramente religioso quando não vive a realidade ficando apenas na aparência. Qual é o sinal, o que Giussani nos diz no capítulo décimo de *O Sentido Religioso*? Como sei que estou vivendo inteiramente o real? Quando fico tranquilo. Se sufoco, é porque sou positivista, porque fico na aparência. Por isso, se nós não nos envolvemos na realidade com o senso de uma dependência total do Mistério, se não somos conduzidos ao Mistério, se não há o ponto de fuga, sufocamos.

**Colocação:** *Trabalhando sobre este capítulo, o que me fez entender do que se trata, como sempre, foi descobrir o seu significado em uma experiência que vivi. São duas as questões do Movimento em que isto me pareceu particularmente claro. A primeira é o juízo, que parece antigo, mas que retomamos recentemente no texto em que Giussani fala sobre o que aconteceu em 1968. Por que houve aquele desastre no Movimento? Ele sintetizou dizendo: “Não O buscamos dia e noite”. E ultimamente você insistiu que retomássemos este juízo, dizendo-nos: “Olhem que tem a ver com a nossa situação, é pertinente à experiência que fazemos do Movimento agora”. Então, revivendo aquela situação à luz desse juízo, foi como se eu tivesse visto se desenrolar todo o conteúdo deste capítulo. O que quer dizer este “não O buscamos”? Que fizemos tudo, exceto uma coisa? Ou que deveríamos fazer isto ao invés daquilo, buscá-Lo dia e noite ao invés de participar das Assembleias, ao invés de estar, como você lembrava agora, tão apaixonadamente envolvidos com os problemas de todos? A resposta está em cada página, porém, destaco uma breve citação da página 246, onde Giussani fala de liberdade e história, dizendo que “o homem está dentro de uma possibilidade de solução, porque Deus não nos introduziu no fluxo do tempo sem uma razão”. “Dentro de uma possibilidade de solução”: portanto o problema não foi absolutamente o de ter participado das Assembleias do Movimento Estudantil (de qualquer bandeira), certamente não foi esse, mas o problema foi que a nossa busca pela solução não era a busca da possibilidade exaustiva de solução, ou seja, adequada ao nosso desejo. E onde está essa possibilidade? Diz Giussani: “Não está dentro do mecanismo concebido pelo homem, e tampouco vem de fora, das coisas. Tal possibilidade é confiada à liberdade que você tem [portanto, é confiada a você] de colocar a si mesmo e as coisas ou circunstâncias que criam o problema em nexos com o fundamento da vida”, como você acabou de nos lembrar. Para mim, foi fundamental entender que este é o juízo que me mostra como os meus esforços tornam-se efetivos, não o que devo fazer ao invés de me esforçar. E isso é fundamental – eu acho – para todos nós. E uma segunda coisa, rapidamente, ainda em relação à experiência atual em que vivemos: parece-me que o exemplo de Manzoni que você extraordinariamente lembrou de maneira tão eficaz no Corriere della Sera, aquele do encontro*

*entre o Inominado e Frederico, é sempre fundamental, pelo menos para mim, para entender o significado deste capítulo. Porque há aquele ponto em que descreve a mão do Inominado que se torna capaz de reparar “tantos males, espalhar tantos benefícios, aliviar tantos aflitos, estender-se inerte, pacífica e humilde a tantos inimigos” (J. Carrón, “Papa Francisco em Milão. A esperança num abraço”, Corriere della Sera, 1 de março de 2017, p. 28). É incrível, este é um modo muito concreto de explicar os movimentos de um homem que compreende as necessidades e pretende enfrentá-las e resolvê-las. Mas qual é a coisa muito simples e extraordinária? O que torna essa mão capaz de fazer isso? O encontro com o cardeal Frederico que lhe diz: “Deixe-me apertar essa mão”; portanto suas mãos estão nas mãos de alguém que o faz descobrir a consciência que Dom Giussani exprime desse modo nas páginas 251-252: “O reconhecimento da dependência do Deus que me criou, em cujas mãos estou sem temor, a afirmação de que a consistência da vida é um Outro e de que, portanto, a esperança do destino é um Outro”. O que falta ao homem de hoje é algo a que a nossa companhia na Igreja pode educar.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Este ano, comecei a fazer Escola de Comunidade com três mães. Isso me obrigou a fazer realmente o trabalho de Escola de Comunidade e é uma maravilha, pelos relacionamentos que estão renascendo e pelos milagres que acontecem todos os dias. Realmente temos liberdade em pedir as coisas, das mais simples (“Pode cuidar da minha filha porque a avó está doente?”) às mais delicadas (“Como recomeçar o relacionamento com meu marido? Há meses brigamos sem parar e não sei mais o que fazer. Ajude-me!”), até dizer que a Escola de Comunidade é o único ponto que mantém a vida de pé e agradecer por algo que alguém testemunha apesar dos problemas que vive, porque é evidente que com Ele tudo é possível e a vida vale realmente a pena ser vivida. Este grande presente que Deus que deu começou quando conheci uma amiga. Fazia doze anos que não vivia uma amizade assim. Ela me mostra continuamente como é belo poder estar diante de mim por inteiro, da minha liberdade, dos meus erros, do meu desejo, do meu mal, dos meus pecados, sem censurar, colocando tudo no mesmo nível, e me olha, como você disse no artigo do Corriere, com “um olhar cheio de estima para podermos enfrentar sem medo o incessante e cotidiano desafio da vida” (J. Carrón, “Papa Francisco em Milão. A esperança num abraço”, cit.). Dou-me conta de que tender a afirmar o real segundo o olhar de Jesus é realmente o fundamento da paz, porque quando meu marido trabalha até tarde, eu poderia me irritar e dizer: ‘Você nunca está em casa! Faça isso e aquilo, corro feito louca’, mas vomitar em cima dele os problemas do cotidiano não me torna feliz e mesmo que meu marido estivesse sempre em casa, se fizesse tudo o que eu quero, ainda assim não bastaria, haveria sempre alguma outra coisa, e eu não seria feliz. Portanto, é evidente que só posso ser feliz desejando que Jesus me faça companhia. Então, isso está me mudando, tanto que uma amiga me dizia: “Gosto dessa ‘nova versão’ de você”. E, principalmente, estou mais feliz, tudo é abraço d’Ele e é evidência da Sua presença. Todas as coisas adquirem uma beleza, uma liberdade, um gosto que permite ficar até tarde da noite, cansada, cozinhando para uma amiga que precisa e que, encontrando a comida pronta, sente-se melhor. Vejo-me com uma letícia e uma serenidade no coração que me envolvem inteira, sem excluir nada, e que desejo para toda a vida.*

**Carrón:** Obrigado.

**Colocação:** *Fazendo o trabalho sobre a Escola de Comunidade me tocou muito, me provocou, me chocou, diria, o trecho que fala da ansiedade. Se por ansiedade se entende o fato de não conseguir me distanciar das preocupações do trabalho, das responsabilidades, dos prazos que se encadeiam, se significa perder o sono, não parar de pensar mesmo quando estou de férias ou com a família, arruinando, assim, a liberdade nos relacionamentos e no uso do tempo, então, sou ansioso. Já trabalhei outras vezes sobre este texto, mas esta parte não tinha me tocado, provavelmente porque na ocasião não estava ansioso. Mas me impressiona o fato de Dom Giussani falar de ansiedade em última instância como algo que deriva do esquecimento da dependência originária, do fato de não*

*reconhecer que a minha consistência e esperança estão em Deus. Assim, ao invés de olhar para a realidade segundo o olhar de Cristo, a ansiedade é uma mentira que me impede de afirmar aquilo que eu reconheci. É claro que o reconheci e reconheço como verdadeiro; encanta-me o caminho do peregrino que vai em direção à meta. Não estou parado nessa posição, procuro fazer o trabalho que você nos propõe, peço a Deus que mude meu coração, fico perto de amigos que conseguem viver a realidade sem se deixar aprisionar pelos problemas. Estou trabalhando isso e tenho certeza de que terei bom êxito, mas peço uma ajuda para ver com maior clareza essa questão, porque me faz sofrer.*

**Carrón:** A questão permanece aberta.

**Colocação:** *Sou muito grato pelo trabalho de Escola de Comunidade. As circunstâncias que estou vivendo no meu trabalho neste período são uma verificação do conteúdo destas páginas. Há poucos dias, a situação na empresa em que trabalho mudou e o clima está muito tenso e pesado. Todos estão preocupados com o amanhã, que pode ser diferente de hoje, com todas as consequências que isso comporta. Assim, todos buscam, retirando-se no próprio canto, defender-se da realidade que parece ser muito hostil. Dei-me conta de que não sou determinado por esse clima geral, não porque esteja indiferente ou afastado, e muito menos porque seja um herói, mas porque a Escola de Comunidade está se tornando uma hipótese para conhecer o que está acontecendo. A primeira coisa que notei é que a educação da Igreja ao senso religioso permite verdadeiramente usar a razão, ou melhor, permite usá-la de um modo que faz com que a realidade, antes de mais nada, deixe de assustar, e as circunstâncias, mesmo aparentemente contrárias, possam ser olhadas com uma possibilidade positiva, ainda não conhecida ou descoberta – porque não sei como tudo vai terminar –. É como se nascesse dentro de mim um pedido curioso: “Senhor, faz-me entender o que queres de mim e o que estás me pedindo”. Uma colega, preocupada com a situação, entrou no meu escritório e depois de falar sobre o que está acontecendo, ao sair me disse: “Porém, é bonito ouvir essas coisas pela manhã! Passarei aqui amanhã novamente”. Eu não lhe disse coisas aparentemente religiosas, apenas como estou tentando viver a situação. Acho que esse modo de usar a razão é a única possibilidade de ser adulto no mundo, com uma curiosidade de criança que não se perde com o tempo, mas, ao contrário, cresce. A segunda coisa de que estou me dando conta é que essa educação nos faz sair do esquema do “já sabido”, porque nos permite ver as coisas de um modo que corresponde mais do que aquilo que tenho em mente. Essa dependência da realidade parece-me ser o modo mais humano de depender de Deus. Nestes dias, muitos outros colegas entraram no meu escritório (a porta sempre está aberta) – considerando que não trabalho no departamento de Recursos Humanos ou na organização do Pessoal – fazendo perguntas sobre o futuro. Quando entram, penso que podem depender daquilo que sou capaz de dizer a eles. Mas, na verdade, quando saem, percebo que sou eu que dependo deles, porque sua necessidade me faz ver novamente a minha necessidade. Obrigado pela companhia neste caminho.*

**Carrón:** O que define a minha postura é se me retiro para o meu canto defendendo-me da realidade, ou se Cristo me desperta constantemente para poder entrar na realidade e poder ver, por causa da postura que Ele gera em mim, a possibilidade de estar de modo diferente na realidade. E é isso o que impressiona a todos.

**Colocação:** *Conto um episódio que esclareceu um trecho do texto em que Giussani fala da possibilidade exaustiva de solução como sendo confiada à minha liberdade de estar vigilante diante da origem e do destino da vida. Durante o período de greve, encontrei um ex-professor que durante uma visita aos pacientes declarou que não queria ser médico porque – dizia – é uma batalha perdida desde o início, já que o paciente, no fim, morre. Em meio ao embaraço geral, eu fui como que atingida por um raio, porque na realidade eu pensava nessa questão já há algum tempo, e me perguntava: de que adianta curar o corpo se é destinado à morte, se é algo provisório? Na verdade, nunca tive queda para a medicina, minha vocação foi um pouco tardia, e então me perguntava: o que estou fazendo aqui, afinal? E por que Jesus, durante sua vida terrena,*

*nunca se recusou a curar os doentes, mesmo dizendo: “Eu darei a vida por vós, por isso, não vos preocupeis muito com a vossa doença”? Naquele dia, entendi que a morte é uma contradição muito grande, porque o homem é feito para a eternidade e, por isso, em todos os séculos, todos se preocuparam em prolongar a vida. Porém, o que é uma vida de cem anos, mas sem significado? Para que serve viver? Nestes últimos meses, que foram bastante desafiadores tanto física quanto espiritualmente, aumentou em mim uma radicalidade, e os Exercícios do CLU de dezembro contribuíram muito, tanto que para mim é inegável que sem Cristo, sem o relacionamento com Ele, tudo vira pó e todos os objetivos que tenho na vida, no fim, tornam-se nada e, por isso, até cuidar da vida de uma pessoa perde o valor. Porém, naquele dia vi que vale a pena eu me dedicar àquele lugar justamente porque Deus me tomou, porque este relacionamento existe na minha vida, Deus me agarrou pelos cabelos e, através de uma companhia, mostrou-me que as coisas não caminham para o esquecimento, ao contrário, são destinadas a um bem inimaginável que já plantou suas sementes neste mundo tão ferido. Eu poderia dar muitos exemplos. Deus me escolheu para gritar a todos que Jesus veio para salvar tudo de nós, que somos desejados e amados desde a eternidade e que a morte não vence. Obviamente não poderia fazer isso comentando o Evangelho no meio do hospital. De fato, muitas vezes vi o testemunho de pessoas que me mostraram que o reino de Deus se constrói no instante, nas pequenas coisas transfiguradas pela espera. Por isso, comecei a pedir que Cristo se tornasse visível nas pequenas coisas que preciso fazer (medir a pressão de um paciente, recolher um pedaço de papel do chão, sorrir mais uma vez para o paciente). E me vi diferente, no sentido de que tudo adquiria cor e gosto, porque era fruto de um diálogo com Quem me dava aquilo naquele momento. E me vi diferente, no sentido de que um trabalho como organizar as fichas em uma caixa que, para a residente que fazia isso comigo era inútil, tedioso e humilhante, para mim era algo que me alegrava, embora não seja trabalho de médico. Sei bem que tudo isso é fruto do caminho destes anos seguindo o Movimento, da fidelidade à caritativa, a todos estes tijolos do chamado da Igreja a um humilde hábito da postura certa, e é fruto do testemunho de todos os santos que o Senhor colocou ao meu lado. Em uma palavra: é a Sua fidelidade, à qual eu comecei a dizer sim.*

**Carrón:** É esta fidelidade de Deus para conosco que, quando vivemos em um lugar que constantemente torna o instante diferente, nos faz viver com tal densidade as circunstâncias, nos faz colocar a mão na massa, não nos faz apenas “assistir a tourada das arquibancadas”, mas nos faz entrar no âmago da vida. Assim, toda a nossa pessoa é exaltada; e nós vemos a pertinência dessa postura às exigências da vida porque nos faz enfrentar a realidade de modo diferente. Você dizia isso com uma contraposição: ou tédio ou alegria. A alegria de viver de modo diferente. Ou, como dizia a colocação anterior: viver na ansiedade ou viver na paz. Todos estes, são sinais que documentam que quem vive a realidade de modo religioso pode começar a mostrar aos outros o que significa a fé em relação às exigências da vida, despertando nos outros toda a curiosidade, todo o desejo de participar, como vimos. Esta é a razão pela qual fomos escolhidos, chamados: escolhidos para viver a realidade intensamente, de modo tal que podemos dar uma contribuição aos outros, que os outros poderão seguir ou não, segundo a liberdade de cada um. Em todo caso, nós podemos testemunhar, vivendo a realidade religiosamente, como a fé cristã é pertinente à vida, como tudo se torna verdadeiramente diferente. No fundo, é isso que Jesus nos testemunhou: vivendo a realidade em relação com o Pai, tudo se tornava diferente. Mas, para viver assim, não devo viver o senso religioso como algo separado de todo o resto. Viver o senso religioso como Jesus o vive só é possível através do relacionamento com o Pai. E este texto da Escola de Comunidade nos faz ver, como vimos nas passagens que foram citadas, o que nos leva a esse relacionamento. Isso se verifica na modalidade com a qual enfrentamos os problemas: quando todos se tornam ansiosos por causa do trabalho, nós podemos agir de modo diferente. Quando para os outros, o instante é entediante e sem valor, para nós adquire uma densidade inimaginável. Mas precisamos verificar isso, cada um de nós deve verificá-lo dentro das circunstâncias, porque somente isso poderá nos convencer, senão apenas faremos discursos que estão fora da realidade. Somente quem se envolve, somente quem se empenha – “empenho” é uma palavra repetida muitas vezes neste capítulo – poderá experimentar

isso na vida, poderá ver sua vida florescer, poderá surpreender em si uma energia e uma intensidade de vida que de outro modo permaneceria apenas no papel ou confiada ao testemunho dos outros, mas nunca seriam nossas, porque a vida resplende somente quando nos empenhamos, de acordo com a postura que a Escola de Comunidade nos convida a assumir. Pensem em como a vida pode ser quando vivida desse modo e que contribuição podemos dar ao mundo, aos nossos colegas e aos nossos amigos.